

AS IRMÃS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA E A CONSTRUÇÃO DO IDEAL FEMININO EM MONTES CLAROS

Elizabete Barbosa CARNEIRO* - UNIMONTES

O século XIX foi marcado pelo impulso da missão e da consciência missionária. Após a Revolução Francesa, o ressurgimento do ideal religioso foi responsável por esse interesse pela obra missionária. A convicção de que todos os cristãos tinham um dever missionário era a principal forma de incentivo para esse compromisso. Tanto o lado católico como o protestante tinha influência importante no desenvolvimento político e econômico das nações. As novas potências industriais, em busca de matérias-primas e novos mercados, tornaram-se cada vez mais concorrentes. Não só nesse caso, mas também no período inicial, a obra missionária tinha um papel importante: ajudar a abrir o interior dos países. O interesse missionário teve início com o protestantismo; nasceram muitas associações missionárias, ainda no começo do século XIX. Já do lado católico, houve gerando expansão missionária somente no último quartel do século XIX.

A expansão missionária acontece principalmente por intermédio de representantes de membros de ordens missionárias européias, cuja função era transmitir a doutrina cristã aos outros povos que não conheciam o catolicismo.

As congregações religiosas foram as responsáveis diretas pela inserção da prática religiosa objetivada pelo Vaticano no mundo, a partir da metade do século XIX. Essas congregações tinham como objetivo, expandir as práticas religiosas no seio da sociedade, fortalecendo e propiciando legitimidade ao catolicismo. Fixadas no interior, as Ordens religiosas tiveram a função de estabelecer alianças com os latifundiários de cada cidade ou região; grupos detentores do poder econômico e políticos locais.

A vinda das irmãs do Sagrado Coração de Maria para o Brasil, em particular para Montes Claros não foi, portanto, um evento fortuito, fruto de coincidências ou de ação de

* Docente do Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

forças extra-históricas, mas constituiu uma etapa de um planejamento bem elaborado e em escala mundial.

Tal fato representou uma estratégia direcionada pela Igreja, cujo objetivo central era fixar essas congregações em localidades de pouca influência do pensamento moderno liberal, contrário à Igreja. Ao mesmo tempo, ao estabelecer no interior do país, em regiões cuja urbanização era eminente, essas congregações encontravam o local ideal para desenvolver suas atividades.

A Congregação do Sagrado Coração de Maria de Berlaar chegou a Montes Claros no início do século XX, visando estimular o ensino religioso, e fundamentado em uma educação pautada pela disciplina e obediência à moral e aos bons costumes, as irmãs do Sagrado Coração de Maria fundaram na cidade o Colégio Imaculada, em novembro de 1907.

A Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar (Bélgica), nasceu de uma comunidade de donzelas que se formou espontaneamente no século XVIII – as chamadas “Marolas”. Com a renovação eclesial na primeira metade do século XIX, esta comunidade religiosa transformou-se numa congregação diocesana de religiosas. A partir dessa transformação, o ensino passou a ser a atividade principal do apostolado, tendo no ano de 1845, o pároco Henricus Haes e Maria Theresia Verneyler como os primeiros responsáveis para coordenação das ações neste sentido.

Manoel¹ aborda as estreitas ligações entre o catolicismo conservador, monarquista, antiliberal, antifeminista, com os segmentos aristocratizados da oligarquia e, sobretudo, com aqueles segmentos modernizantes, liberais e republicanos. Na sua opinião, essas ligações foram possíveis porque a oligarquia não pretendeu, de fato, a modernização. Pretendeu, sim, avanços naquilo que pudesse significar aumento de produtividade (máquinas, ferrovias, bancos, trabalho assalariado) ou reordenação no âmbito político, mas não via com bons olhos as novas idéias de liberdade, igualdade, profissionalização feminina.

¹ MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina (1859-1919), uma face do conservadorismo*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1996, p. 21.

“O aliado dessa oligarquia conservadora só poderia ser o catolicismo conservador”, observa o autor.

Integrando-se no movimento de espiritualidade missionária, as irmãs do Sagrado Coração de Maria, em 1904 foram convidadas para que viessem a se estabelecer no Brasil. Convite esse que partiu dos norbertinos da Abadia da cidade de Park Louven, que desde julho de 1898 estavam trabalhando na pastoral paroquial no Estado de Minas Gerais, e que teve seu início na Diocese de Mariana, e desde 1903, também na Diocese de Diamantina. A pedido do cônego francês Moreau, solicitando irmãs missionárias – ele que era vigário em Montes Claros –, mas estava na Bélgica em 1906, devido problemas de saúde, retornou em 1907 a Montes Claros, acompanhado de quatro irmãs, as quais iriam auxiliá-lo em suas atividades missionárias.

Constantemente, famílias católicas solicitavam ao padre Vincart a criação de um colégio para meninas, pois o estabelecimento mais próximo, nessa modalidade, ficava em Diamantina. As irmãs fundaram o Colégio Imaculada Conceição onde ministravam aulas de trabalhos manuais, pintura, música, desenho, além de aulas de boas maneiras e, sobretudo, a catequese.

Observa-se que as religiosas femininas deviam obediência a uma pessoa do sexo masculino, que reforça a tese que a mulheres, invariavelmente, estavam de alguma forma subordinadas aos homens. As religiosas que vieram para Montes Claros contaram, portanto, com o apoio dos padres premonstratenses, do bispo local, D. João Antônio Pimenta, e do então fiscal de ensino, Sr. Jason de Moraes, para fundarem o Colégio, razão pela qual sempre fizeram questão de demonstrar sua gratidão e agradecimento.

A criação do Colégio Imaculada Conceição por uma congregação religiosa católica e seu rápido crescimento, gozando de grande prestígio perante a sociedade local, dá uma idéia de como essas Ordens conseguiram êxito em suas atividades, aliando educação e religião, conseguindo dessa forma, disseminar uma filosofia baseada em regras rígidas em que predominavam a disciplina e a valorização dos aspectos morais.

Tradicionalmente, os pais procuravam criar seus filhos (particularmente as filhas), dentro de um modelo de educação condizente com as normas e padrões de comportamento impostos ou difundidos pela Igreja e pelo Estado. Dessa forma, para ser considerada uma “moça decente” era fundamental que essas normas de comportamento fossem observadas e seguidas com grande rigor. Nas palavras de uma das ex-alunas do Colégio, entrevistada no decorrer da pesquisa, percebe-se um pouco da situação narrada.

(...) Eu fui criada assim, apesar de meu pai ser uma pessoa muito evoluída, com liberdade, mas na minha época, uma moça decente, bem comportada, a vida funcionava mais ou menos como num internato. A noite era para dormir e durante o dia era pra estudar. Meus pais eram católicos, eu fui criada dentro da religião católica e fui batizada, crismada e... fiz Primeira Comunhão. Freqüentei catecismo no Colégio Imaculada, eu participava de tudo. Fui filha de Maria, tinha fita no pescoço, essas coisas todas. Ajudava na missa... só que eu... comecei a estudar, questionar muito, estudar uma religião e outra, e hoje eu sou cristã (...). (O.R.Q.T)

Os padres dos Sagrados Corações e as Congregações das Irmãs, destinados à missão de acordo com a estratégia pré-elaborada pela Igreja, correspondiam aos anseios e interesses da oligarquia e elite. A sociedade burguesa capitalista que estava se instaurando; as classes médias em ascensão e a sociedade tradicional tinham apreciação especial pelos colégios católicos. Para esses grupos, a educação contribuiria para a formação da mulher da elite. Já os grupos subalternos, sem acesso a essa educação, continuariam inferiorizados pelos seus hábitos e costumes, percebidos no seu modo de falar, de vestir e de se comportar socialmente, e, por fim, pela vigência de um não conhecimento tido como o enciclopédico europeu, mas aqueles que se limitavam à atividade do dia-a-dia, somado aos valores que eram passados de geração por geração, por intermédio de seus familiares.

Para Manoel², apesar de serem pouco letrados, os representantes da oligarquia perceberam que não era mais possível manter suas filhas no mesmo grau de ignorância e isolamento em que viviam até então. O antigo comportamento feminino, herdado da tradição

² Ibidem.

colonial portuguesa, estava se tornando incompatível com a sociedade brasileira que se urbanizava, se abria no contato com a cultura e o mundo moderno. Dessa forma, não era mais o bastante que as mulheres soubessem apenas dirigir a casa e a governar, ser mãe de família, mulher exemplar. Tornava-se necessário que as mulheres soubessem ler, escrever, conversar, que conhecessem um pouco do mundo situado além dos muros de suas casas e das paredes da paróquia mais próxima. Era necessário educar e cultivar as jovens. Não se tratava, portanto, de uma educação profissionalizante, mas de uma educação voltada para o polimento das mulheres.

Talvez essa condição das mulheres, de terem um papel menos importante quando se tratava da questão do acesso à educação, tenha sido um dos motivos que levou ao surgimento e expansão das chamadas escolas religiosas, e, sobretudo, dos internatos. Já no século XX, o surgimento dos internatos criou, com certeza, novas perspectivas para a educação das mulheres no Brasil, em que pese os internatos abrigarem tanto mulheres como homens entre seus alunos. Todavia, para as mulheres eles tiveram, de certa forma, uma conotação diferente, uma vez que, na sociedade burguesa e conservadora brasileira, à mulher eram impostas regras mais rígidas de criação e educação, e, para muitas delas, a escola através do internato era, via de regra, a alternativa para o acesso aos estudos. Em Minas Gerais, por exemplo, esse tipo de educandário se expandiu, principalmente pela participação de religiosos estrangeiros que aportaram no Estado, trazendo consigo de seus países de origem, a experiência nesse tipo de instituição.

A oligarquia dominante, por sua vez, procurava manter-se obediente ao modelo de vida consolidado nos preceitos do catolicismo e refleti-las nas leis instituídas, comprovando a participação das ordens religiosas na formação cultural da sociedade brasileira. Aplicada na adolescente, pelas ordens e congregações femininas do catolicismo, a educação européia passou a ser um fator que identificava quem eram os grupos mais abastados, tornando assim uma possibilidade de ascensão social feminina e logicamente da família, devido à instrução da menina nesses colégios, os quais ensinavam e transmitiam o tipo de comportamento feminino desejado. Percebe-se o interesse dessas famílias em

colocar seus filhos para ingressar na educação oferecida pelas irmãs, e também pelo fato de que, dessa forma, imaginavam poder se igualar ao comportamento das famílias abastadas, como forma de ascensão social. Neste sentido, a entrevista feita com uma das ex-alunas do Colégio, corrobora com as colocações feitas sobre essa situação.

Eu acho que (...) primeiro, um colégio com alojamento para internato, naquele tempo em que as famílias tinham assim uma preocupação muito grande na formação da mulher, como célula da família e... resguardar essa filha era necessário, então muitos pais como no meu caso, por exemplo, não tinham ou parentes ou amigos que oferecesse um ambiente de confiança. Então colocar as filhas ali nas mãos daquelas irmãs era uma tranquilidade para os pais. E também a formação religiosa recebida que era sempre de muita valia e também porque na região norte mineira não tinha outro colégio, outro estabelecimento de ensino que oferecesse o que o Imaculado oferecia. (Z.S.G.D)

Para alguns integrantes da classe dominante, a presença do liberalismo democrático, aliado ao paradigma desenvolvimento industrial vigente no período, tomou gradativo impulso, a partir da segunda metade do século XIX, acentuando heterogeneidades na elite, que se dividiu entre liberais e conservadores³. Houve um acentuado pensamento político liberal com a Abolição da Escravatura, ocorrida em 1888, e a Proclamação da República, em 1889, dois acontecimentos políticos e culturais que refletiam, de certa forma, uma modernização do país. Porém, a implantação da República não rompeu com o padrão da mulher dona-de-casa submissa ao marido. Para os republicanos que adeririam ao cientificismo e naturalismo o comportamento feminino era igual, em quase tudo, com o tradicionalismo conservador. Apenas retirava o caráter religioso da conduta feminina, substituindo-se pela educação moral e física baseada na ciência.

Para esses republicanos, o casamento e a família eram considerados a base de uma sociedade disciplinada, organização essencial para estruturar a nação, elevando os

³ MARTINS, Patrícia Carla de Melo. *Catolicismo ultramontano e o Colégio Feminino Nossa Senhora de Lourdes de Franca (1988-1930)*. Tese de Mestrado orientada pela Prof^a Dra. Teresa Melatian.

brasileiros a um grau maior de civilização. Os argumentos religiosos e higienistas responsabilizavam a mulher pela manutenção de uma família saudável. O casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos e admitidos como a verdadeira carreira feminina, isto é, para a mulher, era reservado como papel preponderante, o de ser esposa e mãe. Tudo que levasse as mulheres a se afastarem desse caminho seria percebido como um desvio da norma; poderia-se dizer que era mesmo uma transgressão, uma afronta aos preceitos normalmente concebidos ou admitidos.

Na concepção de Louro⁴, a economia doméstica – às vezes apresentada como outra denominação – também se tornaria parte integrante dos cursos que se baseavam nessa visão, em relação ao papel da mulher na sociedade, os quais constituíam-se numa série de ensinamentos referentes à administração do lar. Assim, muitas aprendizagens até então restritas ao lar passariam para o âmbito da escola.

Nesse contexto, ressalta a referida autora, a escola parecia desenvolver um movimento ambíguo: de um lado, promovia uma espécie de ruptura com o ensino desenvolvido no lar, pois de algum modo se colocava como mais capaz ou com maior legitimidade para ministrar os conhecimentos exigidos e impostos à mulher moderna; de outro, promovia, através de vários meios, sua ligação com a casa, com o lar, na medida em que permeava a formação docente de referências à maternidade e ao afeto.

Na opinião de muitos analistas do assunto, não havia porque povoar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial como esposa e mãe exigia, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisava ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro.

No contexto do trabalho, pode-se perceber os diversos aspectos que envolveram e que envolvem ainda hoje, elementos importantes que constroem, que participa e que faz parte da história de qualquer nação, isto é, as relações homem/mulher, as relações

⁴ LOURO, Gracira Lopes. *Prendas e antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 1986. (Tese).

sociedade e Igreja, as relações Estado, Igreja, classes sociais, assim como as relações Estado-Igreja e educação.

A análise do papel das congregações religiosas no desenvolvimento do sistema educacional no mundo e, particularmente no Brasil, possibilitou constatar que tais congregações tiveram papel importante na formação educacional, moral e ética de vários jovens, como no caso de Montes Claros. A atuação das irmãs do Sagrado Coração de Maria frente ao Colégio Imaculada Conceição foi o elemento propulsor do desenvolvimento, de crescimento e consolidação dessas instituições na cidade.

Toda a bagagem que adquirimos no Colégio foi imprescindível para a nossa trajetória profissional e social. O dia-a-dia nos enriquecia, quer através dos diálogos com as irmãs e colegas, quer através do esporte que era cultivado de maneira a conservar a mente sã em um corpo sã. O comportamento exemplar e o relacionamento amável para com o próximo foram ensinamentos aprendidos no Colégio. (C.V.M)

Outro depoimento de uma ex-interna muito interessante:

Todos os ensinamentos recebidos no Colégio Imaculada Conceição, foram para mim de suma importância. A minha vida foi sempre pautada neles, principalmente o espiritual. Éramos como irmãs. Um ambiente agradável, alegre e de muito entrosamento entre colegas, professoras e funcionários. Tudo que aprendi influenciou na minha vida, tanto profissional quanto particular. (M.D.R.P)

A história da Santa Casa, assim como a do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros é, portanto, uma história que não pode ser narrada sem que seja fortemente embasada na vida e na vinda das irmãs do Sagrado Coração de Maria para Montes Claros.